



O psicanalista e o desamparo

*Ivan Sérgio Cunha Fetter**, Porto Alegre

O autor tem como objetivo fazer uma reflexão sobre o sentimento de desamparo que ocorre no psicanalista no exercício de sua prática. Apesar da importância do sentimento de desamparo já estar presente em toda a história da psicanálise, as mudanças de paradigma e a cultura atual podem acentuá-lo, caso o psicanalista não desenvolva uma adequada identidade analítica centralizada em cinco qualidades principais: capacidade de estar só, capacidade de tolerar o não saber, capacidade de sonhar, capacidade de usar os modelos psicanalíticos e capacidade de praticar a autoanálise.

Descritores: Desamparo. Identidade. Formação analítica. Autoanálise.

* Psicanalista membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.



“Podemos dizer que somos psicanalistas porque não possuímos o conhecimento da mente humana. Somos psicanalistas porque não gozamos de tal conhecimento e, ao contrário, sentimos a mente humana como um mistério profundo e sempre renovado que resiste a nossos esforços por saber, de maneira que cada suposto avanço nos estimula com inesperadas perguntas e árduas questões, às quais devemos tentar achar respostas. Somos psicanalistas porque conhecemos que não sabemos. E nessa busca por conhecer e achar respostas às interrogações que se apresentam, utilizamos o método psicanalítico baseado no diálogo.” Joan Coderch, 2001, p. 19.

Ao longo de várias semanas, no início de cada sessão, o analista sente angústia ao imaginar que seu paciente vai lhe comunicar a interrupção da análise. Enquanto não ocorre a notícia ameaçadora, o sentimento de desamparo toma conta da sua mente, o que provoca um constante assegurar-se de que o trabalho analítico transita de forma adequada.

Podemos nos perguntar que ser *normal*, a não ser um psicanalista (ou um masoquista), poderia suportar essa situação, *calado e sem uma resposta motora*? Espera-se, diferentemente do masoquista, que o analista possa usar sua mente como recurso para lidar com tal sofrimento. Essa vantagem o analista tem, pois a possibilidade de suportar a espera e poder lidar com a sua angústia ajuda o dar-se conta de estar sendo depositário das identificações projetivas, por parte do paciente, que revelam uma trajetória de desamparo entranhado na sua personalidade e a presença de um objeto primário deficitário.

O sentimento de desamparo no psicanalista, então, é inerente à sua prática, provocando uma sensação de extrema fragilidade. Exemplos não nos faltam:

- Por que o primeiro contato com uma jovem mulher provoca, no analista, uma intensa reação de apaixonamento, como se ela se equiparasse a uma diva do cinema idealizada da sua adolescência, deixando-o paralisado, fragilizado, diante de *tanta beleza*, até dar-se conta do clima narcísico que se instalou imediatamente no campo?



- Por que uma paciente que ficou meses indo ao banheiro durante todas as sessões de repente muda a sua rotina, provocando no analista uma intensa urgência urinária que o impele ao banheiro no meio da sessão, situação, nunca ocorrida e nunca imaginada, de fragilidade, por toda a incontinência mental da paciente ter-se transferido para sua mente, a qual transbordou?

- Por que, durante uma sessão, o analista fica angustiado com a sensação de haver perdido fotos antigas que descreviam sua história pessoal, até encontrar *o lugar das fotos* e poder se comunicar com a história da paciente?

- O que faz um analista preocupar-se em *não falhar* com um paciente traumatizado por pais ausentes e, justamente, faltar no seu horário de sessão para depois escutar um *esqueceste de mim*?

- O que faz, durante uma sessão, o analista imaginar-se preso no elevador, com falta de ar e isso lhe causar sério desconforto ao assumir fisicamente a angústia asmática do seu paciente?

As respostas podem ser pensadas ao longo da história da psicanálise. O desamparo é um tema constante, tanto em uma dimensão externa, cultural, como em uma dimensão interna, que envolve a mente do analista. A psicanálise nasceu em condições adversas e, talvez por isso mesmo, criada por um gênio que teve a capacidade de tolerar o desamparo em momentos em que muitos outros teriam desistido. Podemos imaginar que Freud enfrentou vários desamparos: o desamparo por ter suas ideias contestadas por seus pares, o desamparo durante a guerra pelo confinamento decorrente do fechamento das fronteiras, o desamparo por rompimento e afastamento de pessoas em quem confiava, além do desamparo inerente à prática analítica. De que forças internas disporia o homem Freud para enfrentar tantas vicissitudes assim? Uma das respostas possíveis é a de que ele manteve a *crença* no seu método de lidar com um inconsciente dinâmico, gerando um modelo que perdura até hoje nos psicanalistas.

Sabemos que, idealmente, o relacionamento objetal que se estabelece com o paciente é efetuado em nível altamente sublimado, estando qualquer expressão pulsional sujeita a considerável modificação mediante a preocupação absorvente do analista com o paciente como objeto interno. As condições nas quais ele mantém esta preocupação não são as mais fáceis. Na vida isolada e fisicamente imóvel do analista – destaca Klauber (1994) –, ele tem de se defrontar com as mais variadas pessoas em termos de qualidades pessoais e partilhar sentimentos profundos com uma inevitável estimulação pulsional. O analista pode manejar essa situação, mas uma considerável inibição ocorre e isso pode fazer com que seu relacionamento objetal reprimido de modo ocasional transborde em uma identificação maciça.



No caso, por exemplo, abraçar o ponto de vista do paciente, chegando até à situação de introjetar seus sintomas.

O objetivo da presente comunicação é o de fazer uma reflexão sobre as dificuldades geradas, no analista, pela prática da psicanálise e os desafios daí decorrentes. Ocorre, imediatamente, que, desde sempre, o psicanalista vive um terrível paradoxo: é sua função ajudar as pessoas a melhorarem suas condições de vida, tanto nas relações afetivas como nas relações formais de trabalho e convívio social, mas, para isso, precisa manter-se em um estado de privação – na medida do possível – em relação aos seus próprios desejos. Sem esse isolamento necessário, não consegue exercer a sua função. Por outro lado, manter-se em abstinência objetal é extremamente difícil e doloroso.

O verbo desamparar pode ter vários significados: 1) Faltar com auxílio, sustento, socorro, proteção; 2) Deixar de segurar, sustentar. Isso no leva a pensar em um estado de intensa privação, de abandono, ou esquecimento, ou seja, em casos extremos, no sentimento de não existência.

Então, podemos pensar que o desamparo funciona como um trauma que – *après-coup* – vai se repetir na transferência. Consequentemente, também envolve os sentimentos contratransferenciais, pois, tanto para o paciente quanto para o analista, não existe angústia mais penosa e ameaçadora do que a angústia de desamparo.

O desamparo do psicanalista pode ocorrer em várias situações. É um ser humano que precisa trabalhar como qualquer outro para manter o seu sustento e se inserir no contexto social de sobrevivência. Quando a sociedade está em crise política ou econômica, seu próprio trabalho fica ameaçado e corre o risco de fazer concessões, abrindo mão de alguns princípios importantes, especialmente quando a ameaça do desamparo é iminente.

Mas é do ponto de vista interno, do seu funcionamento mental, que é necessário examinar o problema. Na sua prática diária, a atividade solitária induz à necessidade de compartilhar com outros suas angústias para poder sustentar momentos inexoráveis de desamparo. Nesse sentido, aceitar ajuda profissional é fundamental, mas a maior parte do trabalho ocorre na “calada da noite” com o recurso da autoanálise. Se isso não ocorrer, cria-se o risco de o paciente ser usado como um objeto de gratificação.



O desamparo em Freud: modelo inspiracional

“Tanto a solidão como o rosto estranho despertam o anseio pela mãe familiar.”
Sigmund Freud, 1933, p. 226.

Freud descreveu o desamparo sob várias óticas, o que explicitou nos seus importantes trabalhos, traçando um paralelo entre o desenvolvimento coletivo e o individual. Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud disse que a fragilidade do homem leva a um sentimento de desamparo e, por isso,

[...] seu anseio pelo pai e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs (p. 29).

Freud destaca que o ser humano se apega às ilusões como forma de lidar com seu desamparo. No seu diálogo imaginário, defendendo o método científico, diz o seguinte:

Acreditamos ser possível ao trabalho científico conseguir certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida. Se essa crença for uma ilusão, então nos encontraremos na mesma posição que você. Mas a ciência, através de seus numerosos e importantes sucessos, já nos deu provas de não ser uma ilusão (p. 69).

Termina o trabalho com a afirmação: “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar podemos conseguir em outro lugar” (p. 71). Aqui reafirma a crença na ciência, ao mesmo tempo em que alerta para os perigos do uso da ilusão, não só se referindo à questão religiosa, mas também a outros *predicados culturais*, nos quais poderiam se incluir aspectos aparentemente científicos. Sabemos que o trânsito de uma descoberta científica, como a psicanálise, para um dogma ocorre muito rapidamente. Acrescenta em *O mal-estar na civilização* (1930):



Aqui podemos transitar para o caso interessante em que a felicidade na vida é buscada, sobretudo, no gozo da beleza, onde quer que ela se mostre a nossos sentidos e nosso julgamento, a beleza das formas e dos gestos humanos, de objetos naturais e de paisagens, de criações artísticas e mesmo científicas. Essa atitude estética para com o objetivo da vida não oferece muita proteção contra a ameaça de sofrer, mas compensa muitas coisas (p. 39).

Freud indica as três fontes do sofrer, ligadas ao sentimento de desamparo: a prepotência da natureza, a fragilidade do nosso corpo e a insuficiência de normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade. Mas, de certa forma, também está nos oferecendo recursos para lidarmos com essa situação tão sofrida e ameaçadora – o impacto estético – mais tarde tão bem desenvolvido por Donald Meltzer.

Mas é no seu trabalho seminal, *Inibições, sintomas e ansiedade*, que Freud (1926), cada vez mais voltado para o que mais tarde se definiu como *teoria das relações de objeto*, descreve a importância da situação traumática e da angústia sinal como forma de proteção: “O sinal anuncia: estou esperando que uma situação de desamparo sobrevenha ou a presente situação me faz lembrar uma das experiências traumáticas que tive antes” (p. 191). Aqui mostra uma preocupação com o desenvolvimento primitivo, pré-edípico, com o *anseio pelo pai* deslocado para o *anseio pela mãe*. De qualquer forma, as releituras de Freud são sempre fonte inesgotável de estímulo para o desenvolvimento do pensamento psicanalítico.

Mudança de paradigma: qual é o objeto de observação?

“Somos nossa memória,
somos esse quimérico museu
de formas inconstantes,
esse monte de espelhos rotos.”
Jorge Luis Borges

Coderch (2001) descreve as duas influências que incidem na psicanálise e estimulam o seu desenvolvimento: as de procedência externa, que são as mudanças no campo da cultura, e as de procedência interna, que nascem do acúmulo e elaboração das experiências dos analistas no seu trabalho. Nesse sentido, o nascimento da psicanálise ocorreu em momento histórico em que a ciência estava



dominada pelo positivismo. Essa concepção do mundo dominou a vida do século XIX e a primeira metade do século XX. Na chamada modernidade, havia uma *crença* de que a **VERDADE** (em maiúscula), através da fé na razão e na ciência, iria sendo descoberta e que, assim, o homem acabaria por dominar a natureza e alcançar a sua felicidade.

A insistência de Freud na neutralidade, abstinência, anonimato, na objetividade do analista, foi uma forma de destacar a rígida separação entre o observador e aquilo que é observado, o analista no papel do observador e o paciente no papel do objeto de observação. Os sentimentos do analista deveriam ser tratados não como objeto de estudo e sim como interferência no trabalho analítico.

A grande virada ocorre em 1927, quando o físico Heisenberg estabeleceu o chamado *princípio da incerteza*, que afirma a impossibilidade de se determinar, simultaneamente, a posição e velocidade de uma partícula com precisão ilimitada e de prever sua posterior evolução. Desta forma, os cientistas se deram conta de que o observador modifica aquilo que observa. Do ponto de vista psicanalítico, isso gerou uma mudança de paradigma e o princípio da objetividade dos pioneiros da psicanálise perdeu a sustentação. Consequências importantes na evolução teórica e técnica na psicanálise ocorreram com todos os trabalhos importantes escritos a partir da década de 50: importância do uso da contratransferência, função continente da mente do analista e a predominância dos aspectos intersubjetivos da relação analítica. A chamada pós-modernidade ampliou a visão de mundo – cujo princípio fundamental é a incerteza – influenciando diretamente nas mudanças no corpo da psicanálise. Este movimento cultural pós-moderno orientou grande parte do pensamento psicanalítico atual e interveio na relação paciente-analista.

Então, a verdade (em minúscula), como destaca Coderch (2001), torna-se perspectiva, plural, fragmentada, descontínua, caleidoscópica e sempre em mudança. A pós-modernidade, de certa forma, deixou o psicanalista mais desamparado, na medida em que ficou mais envolto em incertezas. Paralelamente, a psicanálise também se enriqueceu com as contribuições de outras áreas humanísticas. Bauman (2000), na sua *Modernidade líquida*, faz uso do verbete *fluidez*, que a *Enciclopédia Britânica* conceitua como *a qualidade de líquidos e gases*, que “não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis” e assim “sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão” (p. 7). Sugere esse termo como a principal metáfora para o estágio presente da era atual.

Os fluidos não fixam o espaço nem prendem o tempo. Os sólidos suprimem o tempo (podem ser eternos), mas para os líquidos é o tempo que importa. As mudanças sociais geraram uma ameaça da tradição, pois os temores modernos



encontraram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração: a urgência em derretê-los era o desejo de descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, confiáveis e que tornariam o mundo administrável, o que podemos comparar com a psicanálise. Na medida em que a fluidez toma conta e as VERDADES (em maiúscula) são questionáveis, assim como o ser humano, também o psicanalista vive essa crise.

Solange Fernández Ordóñez (2008) diz que Jorge Luis Borges é o autor que compreendeu de maneira inefável, mas ao mesmo tempo profunda, essa espécie de *tenuidade* da condição humana, essa qualidade segundo a qual tudo que em um momento determinado *é*, poderia deixar de ser em instantes ou, o que é ainda mais garantido, poderia ser e não ser ao mesmo tempo:

Em poucas palavras: a história dos homens e os próprios homens, refletidos nas extensas águas da memória – forma de espelhos interiores – persistem em incessante transformação. Borges se expressa ao redor de nossa frágil estrutura, plena de incertezas, onde nem os dogmas nem as afirmações fatais encontram cabimento. E a consciência dessa fragilidade, ao ser quase a única coisa que se pode afirmar de nós mesmos, é o que, paradoxalmente, haverá de nos transmitir segurança e serenidade. Seria como dizer, em comparação com Sócrates: a única certeza acerca de quem somos é o não saber de todo quem somos (p. 73).

Coderch (2001) diz que, dessa forma, não podemos falar de significados ou de sentidos essenciais, de verdades inquestionáveis, nem tampouco de *selfs* unitários. Em lugar disso, as supostas verdades e a identidade humana se julgam só como versões possíveis, mas não exclusivas, da realidade. Portanto, a identidade e o *self* permanecem sempre transitórios e abertos à revisão.

Nesse sentido, penso, é importante distinguir fé religiosa (apego a uma teoria) de fé no inconsciente (necessária para que o trabalho ocorra). Este tipo de concepção não atinge somente o paciente, mas especialmente o analista, que tem de se defrontar com muitas fragilidades na medida em que a sua VERDADE pode ser contestada por outra verdade, pluralista, mas que também pode ser entendida em termos da expansão do pensamento.

Na visão atual, como descreve Coderch (2001), o impacto do analista sobre o paciente deve examinar-se sistematicamente como parte intrínseca da transferência, a qual é vista baseada na mútua contribuição de ambos os participantes em interação. A transferência não é avaliada como uma completa distorção da realidade do analista, senão como um fato psíquico que tem sempre



uma significativa e plausível base no aqui-e-agora da realidade do analista, o qual é um coparticipante da mesma.

A identidade analítica: antídoto contra o desamparo

“Ao longo da vida nossa imagem mudará, e aquilo que nos revele, sejam vidros espelhados, água, olhar dos outros, retrato ou fotografia, e ainda sonhos, irá assinalando as sucessivas transformações e irá marcando que cada vez somos outro para observar, conhecer e aceitar. E nesse reconhecimento contínuo, na memória e no esquecimento de quem fomos sendo, assim como nas suposições de quem seremos amanhã, consiste a identidade.” Solange Fernández Ordóñez, 2008, p. 72.

Na medida em que o sentimento de desamparo é inerente à prática analítica, muitas vezes causando riscos de quebra de *setting*, desmotivando o analista e tornando seu trabalho pouco criativo, o recurso que nos resta é o de tentarmos nos tornar melhores profissionais. Para isso, algumas condições são necessárias, centralizadas, do meu ponto de vista, em cinco qualidades principais: capacidade de estar só; capacidade de tolerar o não saber; capacidade de sonhar; capacidade de usar os modelos psicanalíticos e capacidade de praticar a autoanálise. Vou tentar explicitar, resumidamente, cada um deles.

a) Capacidade de estar só

Winnicott (1958) destaca que, para o desenvolvimento mental, é importante adquirir a capacidade de ficar só. Na prática da psicanálise também o é, tanto para o paciente quanto para o analista. É uma conquista necessária a ambos. O autor diz que a sua base é um paradoxo: a capacidade de ficar só quando mais alguém está presente, que talvez ambos estejam sós, mas ainda assim a presença de um é importante para o outro. Essa situação descreve bem a relação analítica e a necessidade de a dupla desenvolver essa qualidade como forma de lidar com o desamparo.

Outro aspecto importante é a configuração do *setting* analítico, com o paciente impedido de ver o rosto do analista, enquanto que o analista vê somente



a parte de trás da cabeça do paciente. Nesse sentido, Klauber (1994) descreve o que chama de *deixa humana*: o bebê, ao seio, fixa os olhos da mãe, e o adulto tem relações sexuais face a face. Ou seja, a intimidade que ocorre entre dois seres humanos tem muito a ver com o olhar. Mas a intimidade analítica transcorre de maneira diferente, pois a prolongada troca de pensamentos secretos se processa com o paciente impedido de ver o rosto do analista.

Por outro lado, se o efeito de virar as costas ao analista é tão importante para o paciente, qual o efeito, para o analista, de só ver as costas do paciente? Como o analista se dispõe a passar sem a *deixa básica* da expressão humana durante anos? A tensão imposta, e a natureza desta, ligadas com o sentimento de desamparo, fazem com que o analista encontre meios disponíveis para aliviá-la e lidar com sua solidão.

b) Capacidade de tolerar o não saber

Um dos conceitos mais importantes introduzidos por Bion na psicanálise foi o de capacidade negativa, ou seja, a possibilidade, por parte do analista, de tolerar incertezas e esperar, sem persecutoriedade, a comunicação adequada com o paciente. Diz Bion (1976):

É bom ter em mente a possibilidade de que, como psicanalistas, estamos lidando com uma coisa muito extraordinária – uma personalidade ou um caráter. Você não pode tocá-la, ou cheirá-la, ou senti-la, e se você acabar se sentindo cansado, e mais ignorante do que de costume, é útil apelar para a paramnésia mais próxima, que seja portátil, a teoria psicanalítica mais próxima sobre a qual você se encontra mentindo. Não seria terrível se o todo da psicanálise se tornasse uma vasta elaboração de paramnésias, algo com que se intenta preencher o vazio – o vazio de nossa aterradora ignorância? (p. 275).

Nesse sentido, quando há uma impossibilidade de usar a nossa capacidade negativa, o risco é de que a *aterradora ignorância* possa gerar um intenso sentimento de desamparo e levar o psicanalista a transitar na coluna 2 da grade (modelo de Bion). Desenvolver a capacidade negativa é condição essencial para lidar com o desamparo.



c) Capacidade de sonhar

“O ateliê do escritor

Às vezes nas tardes um rosto

Nos contempla do fundo de um espelho;

A arte deve ser como esse espelho

Que nos revela nosso próprio rosto.”

Jorge Luis Borges

Gabbard e Ogden (2011), no seu importante trabalho *Tornar-se psicanalista*, levantam questões importantes relacionadas ao crescimento psíquico no difícil processo de adquirir uma identidade analítica. Enfatizam a importância do pensar/sonhar na mente do analista, com duas situações básicas: necessidade de períodos de isolamento pessoal tanto quanto necessidade da participação das mentes de outros. Nesse sentido, penso que a expansão do pensamento e, conseqüentemente, a capacidade de sonhar, por parte do analista, tem a ver com o desenvolvimento de seus interesses culturais artísticos e a ampliação da sensibilidade estética. Aqui estou me referindo ao pensamento onírico de vigília tão bem descrito por Antonino Ferro nos seus trabalhos.

A capacidade de sonhar permite que o analista crie infinitas narrativas durante uma sessão. Qual a importância disso? A sensível escritora Nancy Huston (2008), em *A espécie fabuladora*, levanta questões importantes de o quanto o homem vive de ilusões e da importância de perceber a nossa existência como uma trajetória dotada de sentido, como um arco, uma curva, que vai do nascimento à morte, que assim descreve: “Uma forma que se desdobra no tempo com um início, peripécias e um fim. Em outros termos: uma narrativa” (p.18). Ela salienta a importância de se marcar o tempo, situação indispensável para a eclosão das narrativas. Relacionando com a nossa prática analítica, cada paciente vai provocar a eclosão de uma narrativa dentro do analista, que vai construir a história do paciente e a sua própria história, desde que tenha desenvolvido essa capacidade de sonhar junto com o paciente.

Outro ponto de vista importante, no que diz respeito ao prazer em relação ao belo, foi desenvolvido por Meltzer (1988). O que chamou de *conflito estético* pode ser enunciado de modo mais preciso em termos do impacto estético do exterior da *linda* mãe, disponível aos sentidos, e do enigmático interior que precisa ser construído por meio da imaginação criativa.

Para o autor, ultrapassa os limites de uma analogia dizer que os analistas possuem o mesmo tipo de conflito estético em seu caso amoroso com o método psicanalítico e com seu quadro de referência de uma teoria da personalidade e do



processo terapêutico. É claro que o método, segundo Meltzer, com sua intimidade, privacidade, ética, atenção, tolerância, postura não julgadora, continuidade, abertura, prontidão implícita ao sacrifício por parte do analista, compromisso em reconhecer erros, senso de responsabilidade em relação ao paciente e sua família – tudo que está incorporado na dedicação de fazer um exame do processo transferência-contratransferência – todas essas facetas, ligadas por um esforço sistemático, inequivocamente tornam-se um objeto estético.

A capacidade de sonhar também tem a ver com a experiência emocional que ocorre na sessão. Meltzer (1986) novamente nos ajuda ao dizer que uma experiência emocional é um encontro com a beleza e o mistério do mundo que desperta um conflito entre L, H, e K, e -L, -H e -K. O significado dessas emoções se refere às relações humanas íntimas. E o que existe de mais íntimo que a relação entre um analista e seu analisando? Usa o termo relações humanas íntimas para as experiências emocionais capazes de desencadear um pensamento, ou, podemos acrescentar, um sonho. Cada vez que uma emoção dá à luz uma nova ideia, desencadeia-se uma mudança catastrófica e toda a imagem do mundo deve reordenar-se para albergar a nova ideia. Isso ocorre tanto do ponto de vista do paciente quanto do analista.

Capacidade de usar os modelos psicanalíticos

Essa capacidade tem a ver mais diretamente com a construção de uma identidade analítica. Gabbard e Ogden (2011) introduzem uma metáfora criativa que chamam de *internalização metamórfica*:

No processo de se tornar analista, é necessário que se cometam atos de parricídio em relação a nossos pais analíticos, ao mesmo tempo em que se expia o parricídio no ato de internalizar uma versão transformada deles. Essa internalização metamórfica reconhece as forças e fraquezas deles e envolve a incorporação na identidade da pessoa de uma noção não apenas de quem eles foram, mas também de quem eles poderiam ter se tornado se as circunstâncias externas e internas tivessem permitido (p. 121).

Isso é importante no sentido de evitar o risco de se formar uma falsa identidade, na medida em que o modelo pertence a uma situação idealizada. O analista, então, como defesa, envolvido em uma experiência depressiva, busca introjetar figuras que lhe deem apoio, investe na representação interna do seu



próprio analista, nos professores, mas fazendo da sua própria imagem uma imagem idealizada. Embora precise de apoio e orientação, o risco é que, em busca da sua própria originalidade, venha a ser submergido por novas introjeções e na idealização de líderes ambivalentemente investidos, o que pode esmagar qualquer julgamento e crítica do próprio modelo individual.

Isso faz pensar que ainda não existe uma versão definitiva de psicanálise, nem uma versão definitiva do que seja um psicanalista. Assim como na música: uma interpretação da *Patética de Beethoven* com Glenn Gould parecia definitiva, até aparecer outra versão, de Paul Lewis, por exemplo.

Usando uma metáfora musical, posso descrever como penso a psicanálise no uso de seus modelos. Sabemos, como referência, que o jazz necessita dos *Standards* para se desenvolver. São melodias consagradas que propiciam ao músico criar e acrescentar algo que seja novo, mas sem negar suas origens. Essa criação, necessariamente, não pode ser saturada para dar espaço para o próximo músico improvisar sobre ela. O que ocorre na psicanálise não me parece diferente, pois podemos considerar a obra de Freud, especialmente seus casos clínicos, como uma *Standard (Edition)* que serve de base para as *improvisações* dos analistas. Nesse sentido, não podemos tratar os casos de Freud com respeito fóbico, mas sim como a *música* que pode nos inspirar outras formas de pensar. Penso que é isso que ocorre com a psicanálise atual, na sua prática, a liberdade de usar os *Standards* de Freud, Klein, Bion, como estímulo para pensar novas formas de *psicanalisar*.

Capacidade de autoanálise

Essa capacidade tem a ver com o desenvolvimento da função alfa que é apreendida de forma subjetiva através da análise pessoal do analista. É através da própria vivência da função alfa do analista que o método vai ser transmitido.

Nessa mudança atual de paradigma, Bion diminui a onipotência protetora do analista e aumenta a responsabilidade da relação, com a necessidade de uma autoanálise constante, pois o paciente sempre vai acionar áreas não exploradas da mente do analista que precisam ser examinadas. Ferro (2005) diz que há, para o analista, uma autoanálise que continua enquanto ele estiver em atividade e que cada paciente pode ser considerado pertencente a uma *região* ainda inexplorada do analista, o qual se enriquece e se transforma, por sua vez, com cada paciente com o qual trabalha.

Gabbard e Ogden (2011) também julgam fundamental o processo de



autoanálise, através do contato afetivo com nossos pacientes. Uma experiência criativa em análise põe em marcha um processo que vai continuar pela vida toda do analista. Dizem os autores: “Temos a responsabilidade de nos tornarmos com cada paciente o analista que antes nunca fomos. Isto exige que abandonemos o roteiro e entremos numa conversa – conversa de um tipo que nunca antes havíamos experimentado” (p. 127).

Comentários finais: em defesa de certa ociosidade

“Estou falando dos sonhos, os rebentos de um cérebro ocioso.” William Shakespeare

Independente dos benefícios que o paciente usufrui, a análise proporciona ao analista uma experiência emocional, o encontro com suas verdades interiores. O analista, como Ulisses, está sempre vivendo a experiência da passagem pela região das sereias. Pode escutar o seu canto, mas precisa estar atado ao mastro do navio (sua formação) para não ceder às tentações. Nesse sentido, penso que os mitos de Narciso e Édipo representam dois modelos na busca do conhecimento. O primeiro é o conhecimento imediato, superficial, sensorial e o segundo é o conhecimento mediato, simbólico, com a consciência como um órgão perceptivo do mundo psíquico, do estado dos objetos internos, das emoções e da realidade, levando ao conhecimento mais verdadeiro. Nós analistas estamos sempre lidando com as nossas oscilações entre Narciso e Édipo, o último pensado não somente como núcleo das neuroses, mas como modelo inspiracional de busca do conhecimento.

John Klauber (1994) diz que o analista precisa do paciente a fim de cristalizar e comunicar os seus próprios pensamentos, inclusive alguns dos mais internos, sobre a intimidade humana e que só podem desenvolver-se no contexto desse relacionamento. Mas é também no relacionamento com os pacientes que o analista renova a sua própria análise. O autor vê o início da análise como uma situação traumática, seguindo o Freud de 1926: uma experiência de *desamparo* por parte do ego, em face do acúmulo de excitação, seja esta de origem externa ou interna (grifo meu).

Como já disse anteriormente, o sentimento de desamparo está presente em todo processo analítico, envolvendo a dupla e funcionando como um trauma que precisa ser atenuado a todo o momento, quando o analista tem a possibilidade de desenvolver as capacidades citadas acima.





Finalizando, destaquei a importância da formação na nossa difícil prática analítica e a necessidade de se ter um *cérebro ocioso* – como diria Shakespeare – tanto para o sonho diurno quanto para o espaço criativo. Conforme nos lembra Klauber (1994), no psicanalista o paciente encontra novamente o amálgama de fantasia e realidade que encontrou em seu primeiro analista da infância: a mãe, que compreendia os pensamentos que ele não podia verbalizar. Isso levanta a questão: e a mãe do psicanalista, onde é encontrada? □

Abstract

The psychoanalyst and helplessness

The author's goal is to reflect on the feeling of state of helplessness felt by the psychoanalyst in his clinical practice. Even though the feeling of helplessness has been present throughout psychoanalysis history, the changes in paradigm and the current culture may enhance it if the analyst does not develop an adequate analytical identity centered on five main qualities: capacity of being alone, capacity of tolerating the unknown, capacity of dreaming, capacity of using the psychoanalytic models and capacity of exercising self-analysis.

Keywords: Helplessness. Identity. Analytical training. Self-analysis.

Resumen

El psicoanalista y el desamparo

El autor tiene por objetivo hacer una reflexión sobre el sentimiento de desamparo que le ocurre al psicoanalista en el ejercicio de su práctica. A pesar de que la importancia del sentimiento de desamparo ha estado presente en toda la historia del psicoanálisis, los cambios de paradigma y la cultura actual pueden acentuarlo si el psicoanalista no desarrolla una adecuada identidad analítica centrada en cinco cualidades principales: capacidad de estar solo, capacidad de tolerar el no saber, capacidad de soñar, capacidad de usar los modelos psicoanalíticos y capacidad de practicar el autoanálisis.

Palabras llave: Desamparo. Identidad. Formación analítica. Autoanálisis.

Referências

- BAUMAN, Z. (2000). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BION, W. R. (1976). Evidência. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 7, n. 2, p. 269-278.
- CODERCH, J. (2001). *La relación paciente-terapeuta – El campo del psicoanálisis y la psicoterapia psicoanalítica*. Barcelona: Paidós.
- FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, S. (2008). *O olhar de Borges: uma biografia sentimental*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FERRO, A. (2005). *Fatores de doença, fatores de cura: gênese do sofrimento e da cura psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 95-201.
- _____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1972, p. 13-71.
- _____. ([1929]1930). Le malaise dans la culture. In: *Oeuvres complètes de Freud* (tradução direta do alemão por Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 14-122.
- _____. (1933). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: *Obras completas* (tradução direta do alemão por Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 226.
- GABBARD, G. O.; OGDEN T. H. (2011). Tornar-se psicanalista. In: *Livro anual de psicanálise*. v. 25, 2011, p. 117-131.
- HUSTON, N. (2008). *A espécie fabuladora*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- KLAUBER, J. (1994). Elementos do relacionamento psicanalítico e suas implicações terapêuticas. In: **GREGORIO KOHON** (Org.). *A escola britânica de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MELTZER, D. (1986). Que és una experiência emocional? In: *Metapsicologia ampliada*. Buenos Aires: Spatia, 1990.
- MELTZER, D.; WILLIAMS, M. H. (1988). Conflito estético: seu lugar no processo de desenvolvimento. In: *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- WINNICOTT, D. (1958). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Recebido em 25/09/2012

Aceito em 03/10/2012

Ivan Sérgio Cunha Fetter

Av. Taquara, 564/301
90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: ivanfetter@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA